



Segunda, 14 de setembro de 2015 / Valor Econômico

Câmbio eleva rentabilidade de exportações da indústria

Marta Watanabe e Sérgio Ruck Bueno

A desvalorização do real frente ao dólar deve ser o principal componente que fará engordar a rentabilidade da indústria exportadora. A margem de ganho da indústria de transformação já saltou 10,6% de janeiro a julho, contra igual período do ano passado. Na comparação de julho contra igual mês de 2014, o avanço da rentabilidade foi maior ainda, de 12,6%, como reflexo da aceleração na desvalorização cambial. Os dados são da **Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex)**.

O que pode “comer” uma parte da margem de lucro do exportador, porém, é o efeito da própria desvalorização do real no preço dos insumos importados. Ao lado da tarifa de energia elétrica, o peso do insumo importado foi o principal fator que elevou o custo de produção nos últimos meses. Em julho, o custo de produção contra igual mês do ano passado subiu 10,3%, alta muito maior que os 6,4% de elevação no acumulado dos sete primeiros meses do ano.

A pressão de custos tirou um pouco de vantagem que a desvalorização cambial deu ao exportador de industrializados. Ainda de acordo com os dados da **Funcex**, a depreciação nominal do real de janeiro a julho foi de 31,4%. Em julho deste ano contra julho de 2014 a desvalorização alcançou 44,9%.

“O efeito da desvalorização do câmbio está sendo dividido tanto pelo importador quanto pelo exportador”, diz José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). Quem importa negocia com o fornecedor para não arcar com o valor cheio do dólar mais caro e quem exporta, diz, discute preços com um comprador lá fora ciente de que a moeda nacional está depreciada.

“O único problema é que com a forte concorrência e a indústria doméstica tentando compensar com a exportação a queda de receitas no mercado interno, o importador lá fora está em situação muito mais confortável para negociar do que nós”, diz Castro.

Daiane Santos, economista da **Funcex**, diz que o câmbio não é capaz de resolver as questões de competitividade, mas é um fator que deve manter a tendência de alta da rentabilidade no curto prazo. Para Castro, essa tendência se reforça no horizonte por conta da desvalorização cambial que tende a se acelerar por conta do rebaixamento da nota do crédito de longo prazo do Brasil pela Standard & Poor's (S&P). Na quinta-feira, um dia

após o país perder o grau de investimento, o Itaú divulgou a revisão na projeção de vários indicadores. Entre eles, o câmbio. A projeção para o dólar até o fim de 2015 subiu para R\$4 (ante R\$3,55) e para R\$4,25 (ante R\$3,90) ao fim de 2016.

Por enquanto, diz **Daiane**, a indústria de forma geral tem conseguido maior margem de ganho, mesmo com pressão do câmbio sobre os custos. Dos 23 segmentos da indústria de transformação que a **Funcex** acompanha, apenas um – o de derivados de petróleo, combustíveis e coque – não teve elevação de rentabilidade no acumulado até julho.

Leia o artigo completo em: <http://www.valor.com.br/brasil/4221996/cambio-eleva-rentabilidade-de-exportacoes-da-industria>